

Papai Noel com paralisia cerebral comove comunidade em SP

Eduardo Alves dos Santos distribui presentes da Vila dos Pescadores, mas dificuldades prejudicaram a festa deste ano

Por Eduardo Valim e Leticia Gomes*

15/12/2018 14h18 - Atualizado há um dia



Papai Noel Dudu, como é conhecido, se tornou tradição na Vila dos Pescadores — Foto: Arquivo Pessoal

A comunidade da Vila dos Pescadores, em Cubatão, tem o seu próprio Papai Noel. Ele não fala, só se comunica com gestos, mas garante a alegria das crianças distribuindo presentes há mais de 10 anos. Eduardo Alves dos Santos, de 42 anos, conhecido como Papai Noel Dudu, é portador de paralisia cerebral, e o centro da festa de final de ano em uma das áreas mais carentes da cidade.



A mãe de Eduardo, Marilene Alves dos Santos, é uma ex-catadora de lixo, de 63 anos, que dá o apoio necessário à iniciativa, que já virou tradição no bairro. Não é sem dificuldade que ambos realizam a festa para as crianças da comunidade, que será realizada no próximo dia 23, no Centro Comunitário.

Este ano, Dudu ficou doente por um período, o que prejudicou a busca por apoio de pessoas e empresas. Por conta dessas dificuldades, o número de crianças apadrinhadas caiu de 600 para pouco mais de 200.

A festa da Vila dos Pescadores começou com Marilene, que era catadora no Lixão da Alemoa, e levava o filho com ela. Um dia, ela encontrou uma roupa de Papai Noel, e então surgiu a ideia de vestir Eduardo no Natal. Na época, já adulto, ele separava os brinquedos em bom estado que encontrava no lixão, e depois de uma limpeza, distribuía tudo para as crianças carentes da comunidade. No mesmo ano, aconteceu a primeira distribuição, que deu origem ao popular personagem do bairro.

Foi assim que começou, também, o trabalho voltado às crianças da comunidade, que são cadastradas e recebem doações por meio do apadrinhamento. Todos os presentes são entregues no dia da festa. Além do evento, Dudu passeia pelas ruas da Vila dos Pescadores em cima de um carro, tocando sinos de Natal, enquanto faz a doação de brinquedos, como bonecas e carrinhos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Eduardo Alves dos Santos em uma das festas de fim de ano — Foto: Arquivo Pessoal

A casa da família de Marilene, na Vila dos Pescadores, tem um quarto só para os presentes, que no fim do ano começa a ficar cheio de doações. Tudo é organizado pela própria família e por alguns voluntários.

A comemoração é realizada com a ajuda de comerciantes e moradores. A maioria é da própria comunidade. Marilene Alves conta que, desde o início, quem conhecia a proposta pedia para contribuir de alguma forma, o que ajudou a ampliar a festa, ano a ano. Os participantes recebem cachorro-quente e refrigerante, que são fornecidos por meio de doações, e preparados pelos voluntários.

Marilene e o filho chegaram a presentear até 600 crianças por festa, só com a ajuda da própria comunidade e de pessoas da região que se interessaram pela iniciativa. Dudu sempre buscou apoio de comerciantes e do próprio poder público. A mãe diz que ele já passou horas na frente do prédio, em busca de contribuições. O esforço foi reconhecido. Os anos de dedicação à festa garantiram a Dudu o Prêmio Dr^a. Zilda Arns de Solidariedade, entregue pela Prefeitura de Cubatão.

Algumas coisas mudaram desde o início das festas, como a roupa de Papai Noel. Dudu ganhou um novo traje, mas ainda guarda o primeiro, que foi encontrado no lixão. “As pessoas traziam as doações, e algumas até trouxeram roupa de Papai Noel para ele”, diz Marilene. “Hoje, tem mais de três aqui. Mas a primeira é a mais especial”.

A luta de Marilene

Marilene Alves participou de todas as etapas e iniciativas do filho, que nasceu com paralisia cerebral depois de complicações no parto. A ex-catadora tem cinco filhos e criou todos com a renda que conseguia do lixão. “Todos os membros da família já puxaram carroça, até o Dudu, que carregava com uma mão só”, lembra. Ela diz que ficava brava quando ele ia, e que gostaria que os filhos tivessem melhores oportunidades, mas não poderia impedir que a acompanhassem.

Se sentindo realizada com o trabalho que a família faz, especialmente por conta da realidade dos filhos, Marilene admite que muitas vezes eles tinham vergonha de sair de casa, porque estavam com uma roupa velha, ou a mesma de sempre. “Agora, as outras crianças podem sair com uma roupa nova com esses presentes”.

Depois que o lixão da Alemoa fechou, Marilene buscou outros trabalhos, até conseguir um benefício para famílias de pessoas com deficiência, que hoje é a principal fonte de renda da casa. Ela explica que, mesmo com as dificuldades, tudo é feito com muito carinho. “A festa continua enquanto eu tiver saúde. Faço tudo de coração”, finaliza.

**Sob supervisão de Alexandre Lopes, do G1 Santos*
